

Não imagino melhor começo de carreira para um músico do que aos 22 anos lançar um álbum deste calibre, que lhe permitiria integrar depois o quinteto de Miles Davis (o nome do LP é logo sugestivo do que se seguiria). Começamos com *Watermelon Man*, que se tornaria rapidamente num mega-hit internacional. Aliás o mais incrível deste álbum é conseguir unir o que à partida parecia ser impossível de unir: bom jazz e mega sucessos comerciais.



Herbie Hancock 2

A simplicidade deste tema e a facilidade com que nos entra no ouvido (não deduzir daqui que é música «fácil» no mau sentido do termo) explicam logo o seu sucesso. Duvido até que a maior parte das pessoas não conheça esta música, presente em anúncios de televisão, tocada por dezenas de músicos depois do seu lançamento e presença constante em interpretações de jazz ao vivo em Lisboa, especialmente nas *jam sessions* dos alunos das escolas de jazz. Aliás as músicas simples e melodiosas de Hancock, assentes em movimentos rítmicos suaves e constantes, têm sido uma fonte de inspiração para aquilo que tem sido o renascer do jazz nos últimos anos, sob a forma da música electrónica e dos seus *remixes*, na chamada «música de elevador» que tanto sucesso tem tido. E uma das principais «vítimas» dos DJ's tem sido precisamente o pianista norte-americano. Este facto não deixa de ser curioso. O jazz tentou ao longo dos anos, do meu ponto de vista com muito pouco sucesso, intrometer-se na música electrónica (e Hancock foi um dos que mais tentou). Com a explosão deste tipo de

música nos anos 90 e com o surgimento dos primeiros produtores profissionais, logo a onda dos *remixes* veio para durar e, admita-se, não só com sucesso comercial mas também com trabalhos bem feitos. Sem contar com o lado mais importante do jazz (a improvisação), esta música transforma um estilo musical tantas vezes de difícil audição em músicas simples e melodiosas, que devemos ouvir sem preconceitos.

Mas, voltando ao LP, ele segue com a mesma classe da primeira música: temas simples e improvisações excelentes. Aliás, temas como *Empty Pockets* ou *The Maze*, sem terem o sucesso do primeiro, são igualmente bastante famosos. Hancock revela já aqui um talento e uma técnica fora do comum, não só a solar como a acompanhar, e sem dúvida muito incomuns num jovem de 22 anos. Butch Warren (baixo) e Billy Higgins (bateria) fazem o que se lhes pede, assegurando uma base rítmica sólida e suave. Os sopros, com os conhecidos Freddie Hubbard (trompete) e Dexter Gordon (sax tenor), têm uma prestação ao nível de Hancock, reple-

ta de bons solos. Já quanto a críticas, a mais comum feita a este disco é que as músicas são boas mas muito pouco originais. Originais ou não, a verdade é que quarenta e cinco anos depois ainda as toca muita gente e o disco continua a ser considerado uma referência incontornável. Um clássico do jazz a não perder, e que se aconselha a quem ande a ouvir os últimos trabalhos de Herbie e não perceba o porquê da sua fama. Ele está aqui...



1964 – Emphyrean Isles

Se dúvidas havia, elas dissiparam-se em 1964 com este LP, e com o imortal *Cantaloupe Island*, o seu melhor e mais famoso tema, presença em inú-

JAZZMANIA Herbie Hancock 2

meros anúncios de TV, campanhas de rádio, concertos, etc... Na senda da harmonia modal que começava na altura a singrar em detrimento da harmonia tonal do *bebop*, este tema é de certeza dos melhores de *jazz*



moderno. Outro clássico presente nesta edição é *One Finger Snap*, que apesar de ofuscado pela música anterior, não perde qualidade por isso. Acompanhado novamente por Freddie Hubbard (desta vez na corneta), que faz um solo daqueles que devem ser estudados em *Cantaloupe Island*, a secção rítmica já impõe mais respeito desta vez, com os conhecidos (na altura ainda não tanto) Ron Carter (baixo) e Tony Williams (bateria) (isto era o Quinteto de Miles Davis sem o próprio). Mais um LP a não perder, e que nos dá vontade de sonhar com o que Hancock podia ter feito com a sua carreira com um começo destes...



1965 – Maiden Voyage

O terceiro elemento do Trio de Ouro do pianista. A música que dá o nome ao álbum vem na senda das anteriormente referidas e é incontornável para amantes e estudantes de *jazz*. Seguindo a tradição de melodias simples e harmonias modais, Hancock introduz aqui, creio que pela primeira vez, os acordes suspensos, acordes que não têm terceira maior nem



menor na sua estrutura e sim a quarta, o que significa que não são acordes nem maiores nem menores. Na prática isto resulta num som vago e sem resolução, a que o nosso ouvido não parece estar habituado. Mas,



mais uma vez, não nos reduzimos a um só clássico, com *The Eye of the Hurricane*, outro tema presente em qualquer bom repertório de *jazz*, e que tem as mesmas características e qualidades dos anteriores e que é desnecessário repetir. Também *Dolphin Dance*, um *standard* não tão conhecido como os dois últimos temas, impressiona pela simplicidade e melodia. Miles Davis disse uma vez "*less is more*", um ensinamento que Hancock interiorizou primeiro e exteriorizou depois na perfeição. Quanto à banda, é a mesma do LP anterior, com a adição (importante) de George Coleman no sax tenor.

1968 – Speak Like a Child

Não tão conhecido como os anteriores, não deixa de ser um bom LP, e que fecha a década de ouro de Hancock. Com Mickey Roker na bate-

ria e outra vez Ron Carter no baixo, aparecem-nos três elementos pouco comuns nos sopros: Thad Jones, Peter Philips e Jerry Dodgion. Os dois temas mais conhecidos são o próprio *Speak Like a Child* e *The Sorcerer* que, não sendo *hits*, estão dentro dos principais da obra de Herbie. Mais calmo e menos interessante que os seus predecessores, é um razoável LP de *jazz*, interessante de vez em quando. Mas não mais do que isso.

Conclusão: Com os três primeiros álbuns Hancock entrou logo para a história do *jazz* e, se juntarmos a isto a sua presença no quinteto de Miles Davis, então Hancock marcou definitivamente a década de 60. Talentoso e criativo, deu ao mundo temas imortais e mostrou muitas vezes o caminho na sua exploração da harmonia



modal, de temas simples e melodiosos, e de novas formas harmónicas como os acordes suspensos. Três álbuns imperdíveis para quem goste e queira perceber de *jazz* e um razoável disco que seria uma obra-prima para muitos músicos, mas que aqui não se consegue impor face à intemporalidade dos outros.

eMail: jorgemg1984@gmail.com